



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ENSINO SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA – CESP
DEPARTAMENTO DE LETRAS

BEATRIZ DE SOUSA RIBEIRO

IRONIA E CRÍTICA SOCIAL EM *O ALIENISTA* DE MACHADO DE ASSIS.

PRESIDENTE DUTRA-MA

2019

BEATRIZ DE SOUSA RIBEIRO

IRONIA E CRÍTICA SOCIAL EM *O ALIENISTA* DE MACHADO DE ASSIS.

Monografia apresentada ao curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra – CESPd como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, língua portuguesa e respectivas literaturas de língua portuguesa.

Orientador: Prof. Ms. Jonh Jhefferson do Nascimento Alves

PRESIDENTE DUTRA-MA

2019

Ribeiro, Beatriz de Sousa.

Ironia e crítica social em O alienista de Machado de Assis / Beatriz de Sousa Ribeiro. – Presidente Dutra, 2019.

37 f

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientador: Prof. Me. John Jefferson do Nascimento Alves.

1.Ironia. 2.Crítica. 3.Sociedade. 4.Machado de Assis. I.Título

CDU: 821.134.3(81)-34

BEATRIZ DE SOUSA RIBEIRO

IRONIA E CRÍTICA SOCIAL EM *O ALIENISTA* DE MACHADO DE ASSIS

Monografia apresentada ao curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra – CESPd como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, língua portuguesa e respectivas literaturas de língua portuguesa.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Jonh Jefferson do Nascimento Alves (Orientador)

Mestre em Letras

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Profa. Esp. Marrony da Silva Alves

Especialista em Docência do Ensino Superior

Universidade Estadual do Maranhão

Profa. Esp. Francione Lima Belfort

Especialista em Literatura Portuguesa e Brasileira

Instituto de Ensino Superior Franciscano

Dedico este trabalho a Deus por torna-lo possível e ser o alicerce da minha vida e aos meus pais Isabel Cristina e João Evangelista pelo apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, a Deus pela vida, sabedoria, por minhas conquistas e por ter colocado em meu caminho pessoas tão especiais, que não mediram esforços em me ajudar durante a realização deste curso e desta dissertação. A estas pessoas externo aqui meus sinceros agradecimentos.

Ao prof. Ms. Jonh Jefferson Alves, que tão bem me acolheu como orientanda, agradeço por suas orientações, por compartilhar conhecimentos, material bibliográfico, e, principalmente, pela confiança depositada em mim desde o início dessa parceria.

Às minhas colegas de turma, que após alguns períodos foram transformadas em amigas e hoje são mais que irmãs, Ylly Leite e Erivania Madeira, obrigada por todo o apoio e parceria durante essa jornada, sem vocês não há dúvidas que tudo seria mais difícil.

À minha tia, que ocupa lugar de irmã, Kelleany Nunes, agradeço por sempre ter ficado literalmente ao meu lado desde a inscrição e realização da prova seletiva, sem o apoio oferecido por ti eu não teria mais essa conquista.

Ao Dr. Fernando Sousa, por ter me incentivado a ingressar no curso, por sempre torcer desde à espera do resultado do seletivo, seu exemplo de inteligência e profissionalismo contribuíram imensamente como forma de força para eu chegar até aqui.

Aos meus afilhados, Julia Eduarda e João Miguel, por serem motivo da minha busca por vitórias, a ânsia em poder oferecer-lhes o melhor faz com que eu ganhe forças para buscar crescimento mental e profissional. Não só essa conquista mas todas as outras que virão serão todas dedicadas a vocês.

Ao meu pai João Evangelista por sempre ficar tão feliz com minhas conquistas e à minha mãe Isabel Cristina por estar realizando esse sonho junto comigo, agradeço por último vocês, não por serem menos importantes, mas por ser o alicerce da minha vida, meu muito obrigada.

Com a ironia você sai do reino do verdadeiro e do falso e entra no reino do ditoso e desditoso de que maneiras vão além do que sugere o uso desses termos na teoria dos atos da fala. A ironia remove as certezas de que as palavras signifiquem apenas o que elas dizem.

Linda Hutcheon

RESUMO

O Alienista é um dos contos mais famosos do gênio da literatura brasileira, Machado de Assis, que traz como tema a loucura e apresenta através desta, críticas em relação aos modelos da sociedade em toda a obra, embora no início do texto o autor deixe claro a frase “em tempos remotos” que remete a ideia de que o que ali conta é inexistente ou em uma época desigual a vivida pelo autor, sabe-se que foi escrito de forma irônica, já que o conto traz como foco principal o avanço da ciência e tecnologias, assunto que na época era atualíssimo. Através do conto escolhido será visto como se dá a realização textual com o uso do sarcasmo nos textos Machadianos. Textos dessa magnitude são essenciais para aguçar o poder em desvendar ambiguidades, muitas vezes as críticas presentes no conto citado ou textos em geral que tenham essa característica, passam despercebidas, necessitando assim de uma análise profunda e cautelosa, como também é necessário conhecer o autor e suas características para melhor entender seus escritos. O trabalho a seguir veio com essa proposta de analisar, desvendar e comentar o que fica subentendido.

Palavras-Chave: Ironia. Crítica. Sociedade. Machado de Assis.

ABSTRACT

The *Alienist* is one of the most famous tales of the genius of Brazilian literature, Machado de Assis, which brings madness as its theme and presents criticism in relation to the models of society throughout the work, although at the beginning of the text the author makes it clear the phrase "in remote times" that refers to the idea that what is said there is nonexistent or in an unequal time lived by the author, it is known that it was written in an ironic way, since the main focus is the advancement of science and technology, a subject that was very current at the time. Through the chosen story will be seen as giving the textual realization with the use of sarcasm in the Machadian texts. Texts of this magnitude are essential to sharpen the power to unravel ambiguities, often the criticisms present in the story cited or texts in general that have this characteristic, go unnoticed, needing a deep and cautious analysis, as well as knowing the author and their characteristics to better understand their writings. The following project comes with this proposal to analyze, unveil and comment on what is implied.

Keywords: Irony. Criticism. Society. Machado de Assis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 01- Loucos vestidos de trapos e estirados ao chão.....	29
IMAGEM 02- Louco sem vestes em manicômio.....	30
IMAGEM 03- Superlotação dos manicômios do século XIX.....	30

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O QUE É IRONIA?	13
2.1 O uso da ironia como técnica de escrita na obra	15
3 CRÍTICAS CAMUFLADAS NO CONTO O ALIENISTA.....	18
4 EXEMPLOS DE IRONIA EM O ALIENISTA.	21
4.1 Ironia ao positivismo na obra.....	24
4.2 O positivismo e a criação dos manicômios no século XIX	27
5 O ALIENISTA E O SÉCULO XXI.....	31
6 CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

O *Alienista*, aquele que cuida de alienados foi uma obra que surgiu no século XIX, no ano de 1882, num momento em que o positivismo estava ganhando forças. Naquela época as novas tecnologias estavam se desenvolvendo, assim como a ciência, também estava em crescimento a Física, Química, Matemática, e claro a Medicina. Os cientistas acreditavam naquele momento que a ciência era inabalável e sem limites, que ali poderiam obter respostas para tudo, inclusive para a loucura.

Os textos Machadianos são repletos de ironias, críticas disfarçadas, ambiguidade, personagens expostos a situações atípicas, que fazem com que suas histórias sejam lidas de forma reflexiva. Em *O alienista* não foi diferente, o conto carregado de críticas irônicas nos fazem refletir sobre os acontecimentos da época com uma visão mais ampla.

Analisando os fatos acima citados, como o avanço da medicina, a ascensão da ciência e a construção de hospícios, verificamos que Machado de Assis usou como referência os acontecimentos daquela atualidade e as colocou em forma de ironia em seu conto.

O brilhante autor não se limitou apenas a criticar a ciência, que buscava a cura para algo tão complexo como a mente humana, veremos também, ao decorrer deste trabalho críticas ligadas à política, religião, romantismo e à sociedade em geral. É relevante observar que enquanto alguns autores estavam atentos aos avanços científicos, Machado de Assis ironizava e apontava discretamente o lado negativo de toda essa evolução, sabemos que a ciência facilitou e obteve muitas descobertas, mas através dela também houve criações massacrantes como a bomba atômica.

Este trabalho apresentou a ironia como crítica social, método utilizado pelo escritor Joaquim Maria Machado de Assis, não só neste conto, mas na maioria de suas obras. Aqui foi focado na ironia presente na obra *O Alienista*, “corpus” da pesquisa.

Para a realização deste trabalho utilizou da pesquisa qualitativa que buscou em bibliografias argumentos de autoridades através de leituras teóricas encontradas principalmente em artigos acadêmicos e livros como uma forma de enriquecimento para ser possível o desenvolvimento do trabalho.

No primeiro capítulo, intitulado O que é ironia, foi conceituada a ironia fazendo uma análise do próprio texto trabalhado levando em consideração a opinião

de outros autores que costumavam utilizar deste mesmo recurso linguístico como uma técnica de escrita.

Já no segundo capítulo, mostra quais críticas estão camufladas no conto de uma forma geral: ironia à ciência, ao positivismo e, claro, à sociedade, enquanto no terceiro capítulo é mostrado minuciosamente através de trechos retirados do próprio conto quais e como estavam apresentadas as críticas relacionadas a esses assuntos.

Em seguida há uma atenção especial à crítica ao positivismo na obra, reforçada com citações de autores que compartilhavam do mesmo pensamento do autor trabalhado, com o foco na ciência, neste capítulo mostra a forma como esta deveria ser vista e aceita na época e como influenciou na criação dos manicômios, o que sem dúvidas inspirou ainda mais Machado de Assis a produzir *O Alienista*.

Para finalizar, foi feito um comparativo entre a época da publicação da obra trabalhada com o século atual, no capítulo “O Alienista e o Século XXI”. Constatando que o escritor Machado de Assis produzia obras muito além de seu tempo, pois o que o autor criticava no século XIX, continua se encaixando perfeitamente nos dias atuais. Com essa obra pode-se trabalhar a atualidade, porque as situações modernizaram, mas na realidade nada mudou.

2 O QUE É IRONIA?

Conceituar a ironia não é algo fácil, pois não é descrita em um único termo, seu uso foi apresentado em diferentes eras, ou seja, ironia grega, romântica, e a moderna revisada, contada a partir do romantismo. Assim fica esclarecida a complexidade de conceituar algo que é afetada com as mudanças periódicas, Muecke relata:

A palavra ironia não quer dizer agora apenas o que significava nos séculos anteriores, não quer dizer num país tudo o que pode significar em outro, tampouco na rua o que pode significar na sala de estudos, nem para um estudioso o que pode querer dizer para o outro. Os diferentes fenômenos a que se aplica a palavra podem parecer ter uma relação muito fraca. [...] Assim, o conceito de ironia a qualquer tempo é comparável a um barco ancorado que o vento e a corrente, forças variáveis e constantes, arrastam lentamente para longe de seu ancoradouro (MUECKE, 1995, p.22).

Analisando a fala de Mueck, (1995), entende-se que o escritor encaixa o uso da ironia de acordo com a época, local e momento histórico no qual está inserido. Embora a ironia sofra alterações devido a essas mudanças, o modo de ver o mundo entre o que é verdadeiro ou falso permanece, ou seja, o objetivo continua a ser o de revelar de forma superficial ou contrária, denúncias, ainda que não dito diretamente, sobre assuntos polêmicos, como afirma Teixeira (1987):

A literatura machadiana busca as causas secretas dos atos humanos, as quais nunca serão o amor, a compreensão e a generosidade. Serão sempre o ódio, a incompreensão ou o interesse. Tal visão é chamada pessimismo e decorre de uma profunda descrença nos homens, pois Machado julgava que o egoísmo prepondera sobre o altruísmo, o mal sobre o bem (TEIXEIRA, 1987, p. 68).

A crítica machadiana tornou-se uma característica do autor seguido da ironia, indo além de um simples ponto literário. Sobre a ironia de Machado de Assis, José Veríssimo (1981) diz o seguinte:

Havia, entretanto no primeiro romance, de Machado de Assis e ainda mais talvez nos que mais de perto o seguiram, *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), visíveis ressaibos de romantismo senão do Romantismo. Temperava-os porém, já, diluindo-os num sabor mais pessoal e menos de escola, a sua nativa ironia e a sua desabusada visão das cousas que o forravam ao romanesco, à sentimentalidade amaneirada que tanto viciou e desluziu a nossa ficção (VERISSIMO, 1981, p.428).

Para Veríssimo (1981) a ironia utilizada pelo autor, era exatamente o que diferenciava a literatura de Machado de Assis das outras literaturas do mesmo

período, mesmo hoje sabendo que esta era uma característica própria do romantismo, a utilização desta linguagem neste período foi para atuar contra o governo, igreja e para impulsionar a busca pela liberdade e igualdade, tornando-se uma ferramenta para expressar a rebeldia dos revoltosos. Mesmo sem tanta intensidade, a ironia já existia desde as literaturas anteriores, utilizada como sátira nos textos com o mesmo intuito, o de criticar.

Já na fase madura, a mesma realista, o autor permanece com a marca, apenas adaptando sua literatura a ela. Foi exatamente nesta escola que Machado de Assis publicou *O Alienista*, repleto dos mesmos recursos linguísticos anteriores, criticando até mesmo a escola antecedente. Nesta fase, a do cientificismo, o autor deixa óbvio que até mesmo o amor foi esquecido, tudo pela busca do absoluto, podendo esta afirmação ser comprovada justamente na escolha da esposa do personagem principal:

Aos quarenta anos casou-se com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e nem bonita e nem feia [...] reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, são e inteligentes [...] (ASSIS, 2007, p.7).

Ainda sobre o fato de Machado de Assis utilizar da ironia tanto no Romantismo como no Realismo, o escritor Luiz Lima 1981 faz esta consideração:

Machado se depara com duas poéticas: a romântica e a realista. O rumo que estabelece para si e se contrapunha a ambas, porque nenhuma se ajustava ao tipo de reflexão que veio a desenvolver. O caminho real da poética romântica era o elogio da subjetividade criadora. [...] Por via diversa, o mesmo limite afetava a poética do realismo. Sua palavra chave, estar atento à observação, punha o autor na prisão do mundo perceptualmente tematizado (LIMA, 1981, p. 58).

A ironia é uma figura de linguagem utilizada como ferramenta para induzir pessoas a pensarem por si sob um diálogo que fica subtendido, ou seja, tornou-se um método que foi utilizado por gênios. É óbvio que Machado de Assis é um autor citadíssimo quando se trata de crítica e ironia, mas Sócrates também foi um adepto deste recurso. A Ironia deriva-se do verbo eirein que significa perguntar, onde seu objetivo era indagar simulando uma ignorância inexistente. Este recurso foi utilizado por Sócrates não apenas em seus textos, mas para a vida. Ele se considerava um verdadeiro ironista, como pode ser visto na citação abaixo:

Quando vier o leitor amigo, não terá dificuldade em ver que, quando passei por um ironista, a ironia não estava de modo algum onde julgava um vulnerável público cultivado; para semelhante leitor, é evidente que não iria cair na miséria de admitir que um público possa entender de ironia, o que é tão impossível como existir em massa o indivíduo” (KIERKEGAARD, Ponto de vista explicativo, 1996, p. 63-64).

Enquanto Sócrates assumia ser um ironista, Machado de Assis continua a ser uma incógnita, sendo bem complexo desvendar seu estilo, segundo PERES (2005, p. 83) “Jamais seremos capazes de compreender o estilo de Machado de Assis”. A ironia Machadiana pode passar às vezes despercebida, causando dúvidas, a seriedade com que escreve consegue disfarçar a crítica, o autor conta também com a presença da ambiguidade, exigindo um conhecimento aguçado e uma preparação elevada em relação à leitura para de fato entender os contos, romances e crônicas do famoso escritor brasileiro.

2.1 O uso da ironia como técnica de escrita na obra

A ironia utilizada no conto em questão visava difundir o que seria ou não realidade. Machado de Assis ironizava os costumes, princípios sociais de sua época muitas vezes em forma de elogios, porém inversos, ou seja, o ato de elogiar enquanto criticava era uma de suas técnicas:

Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos; mas se exigis que me negue a mim mesmo, não ganheis nada. Poderia convidar alguns de vós, para em comissão dos outros, a vir ver comigo os loucos, os reclusos; mas não o faço porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos, nem a rebeldes (ASSIS, 2007, p.33).

Na citação acima, é visto claramente a contradição de elogio feito pelo autor, sabe-se que o conto, critica diretamente a ciência, julga ser falha, inexata, e sem a força com que vinha sendo apresentada, portanto, não há outra interpretação senão ver como ironia a afirmação citada por Machado de Assis “a ciência é coisa séria”. Ainda nessa perspectiva de elogios contraditórios, é comum vermos no conto, uma forma exagerada de exaltação, o que confunde o leitor se há ou não a presença da ironia, pois parece sincero as afirmativas, como por exemplo quando trata o Dr.

Simão bacamarte como “ilustre médico” ou “o maior médico dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas”.

O foco do autor é deixar subtendido, ficando por conta da capacidade de raciocínio do leitor observar que a hipérbole retratava tudo o que não se encaixava como exato. O Alienista se auto endeusava como mencionado na citação acima, o cientista considerava que superior a ele somente os mestres e deuses. O autor não deixava explícito o que discordava, ele utilizava a tática de insinuar mais que afirmar, ficando por conta de quem ler a sua própria interpretação. A ideia do alienista de que era mais sábio e mais importante que os demais é uma deixa para categorizar o próprio alienista como o alienado.

A linguagem do conto *O Alienista* é eclética, com ambiguidades e contradições frequentes, havendo a necessidade de um esclarecimento. Toda a obra é composta por ironia, assunto bem focado, porém, o que faz essa obra ser considerada irônica é que o Dr. Simão Bacamarte, irá ser vítima de seus próprios conceitos, intitulado-se como alienado, concluindo que ele mesmo merece ser estudado.

A ironia Machadiana é utilizada como método de sua narrativa, assim como a sátira, com o intuito de retratar de forma crítica a sociedade do século XIX. Tanto em *O Alienista* quanto em outras obras que visam denunciar algo ou alguém, a ironia vem com o poder de minimizar o julgamento, tornando o “ataque” para uma forma indireta para que o leitor se desperte por conta própria sobre o acontecimento relatado, algo que não se torna tão difícil quando se está ciente das mazelas, no caso do conto, da sociedade. Conhecendo o contexto histórico da época em questão percebe-se a ironia, caso contrário, a mesma torna-se imperceptível.

O efeito do conto machadiano não é apenas fruto da técnica ou da habilidade do escritor em lidar com os elementos expressivos da linguagem que utiliza e cria, mas decorre principalmente do “susto” que dá no leitor, quando descobre o “Outro” que emerge surpreendentemente da “iluminação” profana desse conto (CUNHA, 1998, p. 107).

Este recurso estilístico faz com que o leitor reflita sobre o que está lendo, já que o sarcasmo diz sem dizer. Isso pode ser definido como uma forma tênue de ofensa, derivando de uma desfaçatez ou dúvida com relação à possibilidade de informação. O sarcasmo, ou seja, a ironia como forma de gozação é uma técnica bastante utilizada por políticos em seus discursos, como sabemos, a denúncia entre

adversários é bem corriqueira em campanhas eleitorais como uma forma de denegrir a imagem da oposição.

Na época da obra trabalhada, a ironia era apenas um recurso linguístico, uma técnica de escrita utilizada por autores como Machado de Assis que costumavam relatar o social em seus escritos, hoje tornou-se um tipo comum de linguagem. Na internet o uso dessa figura de linguagem é viciosa, usada principalmente pelos adolescentes seja para ofender ou por mera distração, mas que está se transformando em discriminação, como defende o contista americano David Foster a ironia nos tiraniza, um ataque indireto tem tanta força quanto um direto, ou pior, como a interpretação é subjetiva esta pode ser vista com uma força maior que a verdadeira intenção. Na conversa oral a ironia torna-se mais fácil de ser percebida porque contamos com alguns elementos que não possuem na escrita, estes elementos como gestos, entonação ajudam a indicar a presença da ironia.

Grandes escritores inventam a própria técnica, cria um próprio ponto de vista, um próprio modo de ver a realidade, e é isso que de alguma forma faz Machado de Assis um autor diferenciado.

3 CRÍTICAS CAMUFLADAS NO CONTO O ALIENISTA

A maior crítica apresentada neste conto é sem dúvidas quanto ao científico. Obviamente, Machado de Assis não poderia deixar de criticar, assim como faz em todas suas obras, os problemas que assolavam a sociedade daquela época, muitos destes, existentes até os dias atuais.

Machado de Assis tinha como objetivo, mostrar a consequência das ideias positivistas, do cientificismo, além de alertar sobre o quanto a sociedade poderia ficar dependente de pessoas que se demonstravam superiores, aparentemente perfeitos, mas que na verdade não passavam de falsos sábios. Estas pessoas conseguiam facilmente ganhar a confiança principalmente daqueles com um grau de estudos menor, ou seja, que possuíam menos conhecimentos e se deixam iludir por conta de um discurso bem elaborado, achando que estes falsos sábios possuíam um saber a mais por ter estudado fora do país, ou em uma faculdade específica. Como exemplo, o autor mostra que a sociedade de Itaguaí se deixou influenciar ao menos por um momento pelas ideias do cientista, acompanhando a internação de seus parentes na inauguração da Casa Verde:

Inaugurou-se com imensa pompa; de todas as vilas e povoações próximas, e até remotas, e da própria cidade do Rio de Janeiro, correu gente para assistir às cerimônias, que duraram sete dias. Muitos dementes já estavam recolhidos; e os parentes tiveram ocasião de ver o carinho paternal e a caridade cristã com que eles iam ser tratados. (ASSIS, 2007, p.10).

Machado de Assis criticava o cientificismo, pelo fato de que a ciência da época era vista como a resposta para tudo, e através desta ciência, Simão Bacamarte tentava explicar o que cada pessoa possuía em sua alma, categorizando os loucos. No conto há a presença de críticas em relação à corrupção, abuso de poder, extorsão, traição, acontecimentos que nada são diferentes dos vivenciados nos dias atuais. Uma crítica abordada no conto que ainda é bem presente, trata dos impostos que eram cobrados para impulsionar, ou seja, manter a ideia do alienista, tudo que o alienista fazia, tinha o consentimento dos vereadores, através de suas falas bem elaboradas, até mesmo estes tinham a ideia de que estavam lidando com um verdadeiro intelectual, e isso beneficiava o alienista, como pode ser visto no exemplo abaixo de um trecho do conto:

[...] Dali foi à câmara, onde os vereadores debatiam a proposta, e defendeu-a com tanta eloquência, que a maioria resolveu autorizá-lo ao que pedira, votando ao mesmo tempo um imposto destinado a subsidiar o tratamento, alojamento e mantimento dos doidos pobres [...] (ASSIS, 2007, p.9).

O autor não deixa de pontuar que ciência e religião não possuem boa relação, uma não cede à ideia da outra, e assim, suportam-se apenas. A religião no conto é representada pelo Padre Lopes, e segundo a história, justamente essas duas instituições são as mais fortes, seguido da câmara. Antes da presença do cientista naquela cidade, depois do Estado a igreja ou o padre eram autoridade maior. Como comprovação, a figura do padre está sempre discordando das propostas do alienista:

A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia.

O vigário Lopes a quem ele confiou a nova teoria, declarou lisamente que não chegava a entendê-la, que era uma obra absurda; e, se não era absurda, era de tal modo colossal que não merecia princípio de execução. (ASSIS, 2007, p. 19)

O positivismo que Machado de Assis criticava, já vinha se espalhando pela Europa, e defendia que o Estado deveria ser comandado por um intelectual com conhecimentos acima da média, com isso, a figura de Simão Bacamarte se espelhou e se auto elegeu como a pessoa perfeita para cumprir o cargo.

A casa de Orates era o ambiente em que o alienista simulava tratar de loucos através da ciência, fingindo ser prestativo e preocupado com a saúde mental dos moradores de Itaguaí, mas na verdade, ele queria apenas conseguir uma forma de destaque, ser admirado, considerado o único perfeito e normal para adquirir poderes e, conseqüentemente ser a pessoa mais importante da cidade. Aqui, Machado de Assis demonstra a capacidade da hipocrisia humana para conseguir sucesso a qualquer custo. Na passagem abaixo, é observada a declaração do cientista das falhas em seus estudos:

Digo experiência, porque não me atrevo a assegurar desde já a minha ideia; nem a ciência é outra coisa, Sr. Soares, senão uma investigação constante. Trata-se, pois, de uma experiência, mas uma experiência que vai mudar a face da terra. A loucura, objeto dos meus estudos, era até agora uma ilha perdida no oceano da razão; começo a suspeitar que é um continente.” (ASSIS, 2007, p.17)

Através do alienista Simão Bacamarte, o autor critica fortemente os cientistas da época, sendo este o principal foco desta obra, para Machado de Assis o

conhecimento que essas pessoas possuíam não era o suficiente para resolver todos os problemas da sociedade, somente o que os cientistas falavam eram tomados como uma verdade inquestionável, para a população somente eles tinham a resposta para tudo de forma concreta e verdadeira.

O personagem Porfírio representa as atitudes dos políticos que se preocupam apenas consigo, sempre em busca de tirar vantagens em tudo para beneficiar-se. Incrivelmente o que o escritor criticava em 1882, ainda cabe perfeitamente na atualidade, assim, ler o conto *O Alienista* não faz pensar que foi escrito há tantos anos. Para Machado de Assis, é característica do homem a falta de valores, a busca por dinheiro, status, poder, utilizando de muita ganância e por vezes do ilícito. A presença dessa característica nos personagens machadianos ajuda a deixar a obra atual.

Porfírio, com sua ganância, aproveita o caos que estava Itaguaí para voltar a atenção para si, realiza protestos, planeja uma rebelião por nome de Revolta dos canjicas, consegue o apoio até mesmo dos guardas. Aqui representa as revoluções da História brasileira, de forma crítica, pelo fato de sempre acontecerem não por interesses coletivos, claro, nem todos participam das manifestações por ambições, porém sempre há um grupo com interesses próprios que aproveitam da situação para saírem beneficiados.

Leitores dos contos, romances, enfim, das obras do autor Machado de Assis sabem bem que haverá sempre críticas camufladas, todas estas citadas não estão explícitas no texto, é preciso ler, reler, conhecer ao menos um pouco da história da época, a qual escola a obra pertencia para poder desvendar o que realmente o escritor queria repassar. Em *O alienista* foi utilizado da figura da ironia para que pudesse ser relatado todos os acontecimentos errôneos da época. A escola era Realista, saindo do Romantismo, que também não foi poupado de receber alguns comentários irônicos do tão famoso sarcástico Machado de Assis.

4 EXEMPLOS DE IRONIA EM *O ALIENISTA*

O alienista, como citado anteriormente, é um livro composto por várias ironias. A cada parágrafo lido, é possível destacar ao menos um exemplo. Para reforçar esta afirmativa, será mostrado a seguir, alguns dos mais importantes trechos irônicos encontrados na obra.

Ao iniciar a leitura do conto, já nos deparamos com uma cômica ironia, reforçando que naquela época a ciência era soberana. O Dr. Simão Bacamarte, ao escolher sua esposa, opta por critérios meio inusitados:

[...] D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digería com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso e excelente vista; estava assim, apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes (ASSIS, 2007, p.7).

Ironicamente, *O Alienista* é uma obra do período realista, recém saído do romantismo, e, contraditoriamente, o cientista escolhe sua esposa não por beleza, simpatia, tampouco por amor, mas por reunir condições perfeitas para dar-lhe filhos. Como a ciência era absoluta, na visão dos cientistas, tudo estava encaminhado para que sua vontade de ter filhos robustos não falhasse, porém, como está tratando de ironia, o resultado não poderia ser diferente:

D. Evarista mentiu as esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem morfinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou a aconselhar à mulher um régimen alimentício especial. [...] (ASSIS, 2007, p.7).

É perceptível que desde o início o autor deixa claro que a ciência não é absoluta defendiam os estudiosos da época, nem sequer mostra as respostas para todas as mazelas, assim como até nos dias atuais não foram encontradas soluções científicas para a cura de algumas doenças como a AIDS. O questionamento fica em torno de que, se o Dr. Simão Bacamarte errou sua examinação sobre as condições de sua esposa gerar filhos, por que acertaria ao definir quem é ou não louco, na cidade de Itaguaí? Porém, o cientista continuou em busca de seus objetivos:

Dali foi à câmara, onde os vereadores debatiam a proposta, defendeu-a com tanta eloquência, que a maioria resolveu autorizá-lo ao que pedia, votando ao mesmo tempo em impostos destinado a subsidiar o tratamento, alojamento, e mantimento dos doidos pobres (ASSIS, 2007, p. 9).

A ironia aqui começa a atingir os políticos, que com seus poderes de persuasão em sessões, apresentam projetos que aparentam ser benéficos à população, prometendo ajudar aos menos favorecidos, seja eles pobres, enfermos, mas que na verdade, não passa de interesses pessoais, uma possibilidade para desvio de verbas, para manter-se em um padrão de vida elevado.

D. Evarista, contentíssima com a glória do marido, vestiu-se luxuosamente, cobriu-se de joias, flores e seda. Ela foi uma verdadeira rainha naqueles dias memoráveis; ninguém deixou de ir visitá-la duas e três vezes, apesar dos costumes caseiros e recatados do século (ASSIS, 2007, p.10).

Dona Evarista começou a ser apresentada como uma primeira dama, que esbanjava luxo, claro, com dinheiro público que era destinado a outros fins, o que deixa cada vez mais claro a crítica em relação às atitudes e costumes dos políticos. No trecho acima, também não faltou ironia aos famosos bajuladores, que tratavam a esposa do médico como uma rainha, o que ainda é de costume, sempre há uma comitiva acompanhando candidatos.

Três meses depois efetuava-se a jornada. D. Evarista, a tia, a mulher do boticário, um sobrinho deste, um padre que o alienista conhecera em Lisboa, e que de aventura achava-se em Itaguaí cinco ou seis pajens, quatro mucamas, tal foi a comitiva que a população viu dali sair em certa manhã do mês de maio. As despedidas foram tristes para todos, menos para o alienista. Conquanto as lágrimas de D. Evarista fossem abundantes e sinceras, não chegaram a abalá-lo. (ASSIS, 2007, p.15)

Reforçando a ideia de que os alienistas, assim como alguns vereadores, buscam ganho para uso privado, o autor foca a forma que esbanjam o dinheiro com outras finalidades, isso foi retratado em uma parte do conto que fala o momento em que D. Evarista começa a sentir-se sozinha e rejeitada, consequência da ganância do médico, pois tudo para ele girava em torno da ciência. Para amenizar a situação, o esposo oferece uma viagem para o Rio de Janeiro, e ao ser indagado de como seria custeado a viagem, nos deparamos com a seguinte solução:

[...] D. Evarista ficou deslumbrada. Era uma via-lactea de algarismos. E depois levou-a às arcas, onde estava o dinheiro. Deus! Eram montes de ouro, eram mil cruzados sobre mil cruzados, dobrões sobre dobrões; era opulência (ASSIS, 2007, p.15).

Chega a ser massacrante a um leitor, cidadão que paga seus impostos, ver tamanha falta de caráter, e perceber que tudo acontece igual fora da ficção e cada vez com mais intensidade. Como se não bastasse tomar posse das verbas, é apresentado um desdém contra os loucos internados na casa verde, verdadeiros fantoches com o objetivo de render lucros ao Dr. Simão, chamados por ele de lunáticos:

[...] Enquanto ela comia o ouro com os seus olhos negros, o alienista fitava-a, e dizia-lhe ao ouvido a mais pérfida das alusões: - Quem diria que meia dúzia de lunáticos... D. Evarista compreendeu, sorriu e respondeu com muita resignação: - Deus sabe o que faz! [...] (ASSIS, 2007, p.15).

Outro fator que não passa despercebido, é a questão da autoridade, ou autoritarismo, o cientista, por ter conseguido respeito, tornou-se um ser inquestionável, e internava cada vez mais pessoas por motivos supérfluos, afinal, quanto mais internos, mais lucros lhe rendia, então, internava simplesmente por ser contrariado, ou por possuir desavenças:

A notícia desta aleivosia do ilustre Bacamarte lançou o terror à alma da população. Ninguém queria acabar de crer, que, sem motivo, sem inimizade, o alienista trancasse na Casa Verde uma senhora perfeitamente ajuizada, que não tinha outro crime senão o de interceder por um infeliz (ASSIS, 2007, p.22).

Está presente também no livro, fragmentos irônicos bem camuflados, como o comportamento de religiosos, representado pela figura do Padre Lopes:

O padre Lopes que cultivava o Dante, e era inimigo do Coelho, nunca o via desligar-se de uma pessoa que não declamasse e emendasse este trecho: La bocca sollevò dal fiero pasto. Quel “seccatore...Mas uns sabiam do ódio do padre, e outros pensavam que isto era uma oração em latim. (ASSIS, 2007, p. 29).

A frase dita por Padre Lopes, em italiano, pertence a Dante Alighieri mencionada na obra *A Divina Comédia*, significa: A boca suspendeu do fero alimento o pecador. Relatam no conto: “Mas uns sabiam do ódio do padre, e outros pensavam que isto era uma oração em latim”.

O que causa curiosidade é a questão de um padre possuir ódio e inimizades, ao ponto de amaldiçoar em latim. Cabe também observar a consequência do uso de línguas estranhas, que acabam influenciando, ou não aqueles que não a conhecem, encantam-se com o dito, sem ao menos saber o significado. Como está

tratando de religiosidade, pode também assimilar com os acontecidos em cultos evangélicos, pastores e seguidores muitas vezes fazem o uso de línguas sem a presença de um tradutor ao lado, mas na própria bíblia fala do erro dessa atitude, ou mais precisamente, um pecado.

4.1 Ironia ao positivismo na obra

O positivismo foi uma corrente sociológica que surgiu no século XIX que defendia em grande medida a aplicação de métodos científicos baseados na experimentação como única forma de propiciar um conhecimento verdadeiro sobre a sociedade.

Criado em meio à revolução industrial e o iluminismo, o positivismo teve Comte como grande aderente. A principal fonte de defesa de argumentação era que o conhecimento produzido pela ciência era o melhor tipo de conhecimento para identificar problemas sociais, para compreender melhor a economia, a política e a sociedade em si, visto que esse era o sentido desse período, compreender melhor a sociedade. Toda essa busca por conhecimento tinha um propósito, alcançar a ordem e o progresso, termos comuns até os dias atuais por estar presente na bandeira do país.

O científico foi sem dúvidas o marco do século XIX, momento de crescimento das ciências naturais e humanas. Foi uma época de conflitos filosóficos, políticos, religiosos, que gerava muitas correntes ideológicas. A ciência apresentou-se de uma forma que desqualificava todas as outras linhas de conhecimento, atingindo principalmente a teologia. Sobre o Positivo, Comte frisa em *Curso de filosofia positiva*, (1991) o seguinte:

Todos os bons espíritos repetem, desde Bacon, que somente são reais os conhecimentos que repassam sobre fatos observados. Essa máxima fundamental é evidentemente incontestável, se for aplicada, como convém, ao estado viril de nossa inteligência (COMTE, 1991, p.05).

Como observado, para Comte a ciência era a própria razão em relação à política, economia, cultura e aos fenômenos da natureza, tendo como real somente aquilo que passava pelo processo de observação. Havia naquela época uma busca incansável pelo verídico, e era exatamente isso, segundo os cientistas daquele

período, que eles buscavam, justificativas e fundamentações para os demais saberes e poderes.

A maior crítica sofrida pelo positivismo foi sem dúvida devido ao posicionamento à objetividade da ciência, sobre a convicção de que a ciência deve ser literalmente exata e original, sem maculas, pura. Sempre em busca de avanços com o objetivo de solucionar todas as urgências humanas. No positivismo o conhecimento comum não tinha credibilidade, apenas a ciência poderia ser vista como exata, nele, o cientista tem total capacidade de dominar o objeto em relação da descoberta do que é verdadeiro. A crítica ao positivismo vem justamente por essa atribuição de heroísmo ao cientista, veja mais sobre este fato no trecho abaixo:

Os cientistas são vistos como se fossem os proprietários exclusivos do saber, devendo fechar todas as “cicatrices do não-saber” e fornecer os bálsamos para as angústias individuais e sociais. Essa imagem mítica do cientista ignora que ele faz parte e depende de uma estrutura bem real do mundo que o cerca. O mundo científico nada tem de ideal, não é uma terra de inocência, livre de todo conflito e submetida apenas à lei da verdade universal, isto é, de uma verdade testável e verificável em toda parte, através do respeito aos procedimentos de rigor e aos protocolos da experimentação” (JAPIASSU, 1975. p. 116).

A presença do positivismo na obra se apresenta desde quando os costumes, hábitos e essências dos moradores de Itaguaí não eram respeitados, nem tampouco aceitos pelo cientista, havendo em sua visão a necessidade de estudar cada um que estivesse fora de seus padrões de normalidade, segundo o alienista, para garantir um bem estar aos loucos, sendo ele, o cuidador de alienados o único apto e capaz de curá-los e ajudá-los, além de explicar diante de seus estudos o fator real do acometimento da loucura.

As ideologias positivistas eram trazidas ao Brasil através de estudantes brasileiros que estudavam na França, assim como foi o caso do Dr. Simão Bacamarte recém chegado da Europa trazendo consigo a ideia de implantar a casa de Orates como se tivesse o poder de solucionar através da ciência que o próprio aderiu, problemas inexistentes simplesmente por ser um admirador do científico, ou mais que isso, um alienado de seu próprio saber. Pode-se analisar essa observação na citação abaixo:

As crônicas da vila Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e da Espanha. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta anos regressou ao Brasil, não podendo elrei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia. _ A ciência, disse ele Sua Majestade, é meu emprego; Itaguaí é o meu universo (ASSIS, 2007, p.7).

No positivismo, a ciência era superior até mesmo quando comparada à fé e religião, Deus não era o adorador, e sim a ciência e todos aqueles que a praticavam, para os positivistas, a ciência e filosofia eram donas do poder e das respostas para tudo, por isso, engrandeciam, endeusavam os cientistas, Machado de Assis foi um dos autores que se contrapôs a essa ideia deixando isso claro na obra *O alienista* em 2008.

O liberalismo positivista de cunho econômico também estava presente na obra, dentre vários partidos de concepções da sociedade, o militarista obrigava as pessoas a cooperar obrigatoriamente, por meio de impostos, para garantir o acesso à saúde, educação, moradia, entre outras necessidades. A partir dessa característica, comparamos com o método criado pelo Dr. Simão Bacamarte, que buscou por meio de votação na câmara dos vereadores, verbas para manter a Casa Verde e garantir a estadia, alimentação, para aqueles cuja família não tinha condições de mantê-los, como pode ser observado nessa passagem que explica o uso dos impostos para: “Subsidiar o tratamento, alojamento e mantimento dos doidos pobres” (ASSIS, 2008 p. 9)

Deduz diante da leitura que os impostos arrecadados eram altos e aumentavam de acordo com a quantidade de internos, há um trecho em que reforça a concepção dessa hipótese quando o Bacamarte mostra para a sua esposa muito dinheiro e oferece uma viagem ao Rio de Janeiro, tudo custeado graças a “um bando de lunáticos” como o próprio médico refere.

Machado de Assis sempre desconfiou das bonanças prometidas pelo positivismo, por isso tratava com desdém o assunto, a rejeição por parte de Machado de Assis ao positivismo foi percebida também por Zilberman, 2003:

Como seria de se esperar, foi Machado de Assis o primeiro, no âmbito da ficção, a atacar o positivismo e seus efeitos. O instrumento, a pena da galhofa e a tinta da melancolia, é empregado no livro que se relatam as memórias de Brás Cubas, para atingir Quincas Borba, o amigo de infância que, adulto e insano, cria o Humanitismo, filosofia destinada a resgatar a felicidade do gênero humano” (ZILBERMAN in: MOREIRA, 2003, p.117).

Como pode ser analisado acima, não só no conto o Alienista, mas a crítica ao positivo estava presente em outras obras do autor, o sábio Machado de Assis conseguia ver além, construía suas críticas a assuntos que em sua época ainda eram pouco abordados, como por exemplo, na criação do conto trabalhado, o autor já criticava a criação dos manicômios enquanto tudo estava chegando ainda ao Brasil.

4.2 O positivismo e a criação dos manicômios no século XIX

As primeiras teses sobre a alienação mental começaram a surgir em meados do século XIX, na Europa. Em 1841, o Doutor José Clemente Ferreira, diretor da Santa Casa do Rio de Janeiro, iniciou um processo para a construção de uma casa de tratamento para alienados, criando assim o primeiro hospital psiquiátrico brasileiro intitulado por Hospício Pedro II. Antes desse projeto, os pacientes viviam encarcerados na Santa Casa, ou, os pertencentes a famílias nobres, ficavam trancados em quartos em suas residências.

A medicina mental naquela época não tinha uma cadeira na faculdade, era um campo pouco explorado, mas a partir de então alguns médicos despertaram interesse e passaram a se dedicar ao assunto. Apenas em 1882 foi criada uma cadeira de psiquiatria na faculdade de medicina do Rio de Janeiro, lecionada pelo professor João Carlos Teixeira Brandão.

O século XIX foi o século do início da psiquiatria, construída a partir do positivismo, consequentemente também o século da criação de manicômios, na verdade laboratórios muito semelhantes aos da química, biologia, mas com o intuito de estudar o ser humano.

Aqui houve uma conversão, os leprosários que tratavam dos leprosos, mendigos, voltaria naquele momento para os loucos passando a ser chamados de manicômios. Aqueles que possuíam alguma anormalidade de comportamento ou pensamento, tornavam-se verdadeiras cobaias aprisionadas nos “laboratórios”. O século XIX foi considerado o século dos manicômios, não foi à toa que Machado de Assis escolheu exatamente esta temática. Isaias Pessoti em *O século dos manicômios*, 1996, explica o porquê do nome do período:

O século XIX bem merece o título de “século dos manicômios”. Em nenhum outro o número de hospitais destinados a alienados foi tão grande; em nenhum outro a terapêutica da loucura foi tão vinculada à internação; em nenhum outro século o número de internações atingiu proporções tão grandes das populações. Mais ainda, em nenhum outro século a variedade de diagnósticos de loucura para justificar internação, foi tão ampla (PESSOTI, 1996, p.09).

Como visto acima, eram inúmeros os internados, a psiquiatria começou a agir como se estivesse fazendo uma “limpeza” internando todos aqueles que apresentavam distúrbios, com a justificativa de estar protegendo a sociedade contra os perigos que eles, os loucos, apresentavam. O doente mental, naquela época eram tratados como perigosos e inimigos, por esse motivo, segundo Isaias Pessoti, havia a prática de violência e punição nos hospícios. Esquirol, citado por Isaias Pessoti (1994), relata que devido o sistema capitalista, os loucos eram mais maltratados que os próprios criminosos, pois eles não possuíam a capacidade de trabalhar.

Eles são mais maltratados que os criminosos; eu os vi nus, ou vestidos de trapos, estirados ao chão, defendidos da umidade do pavimento apenas por um pouco de palha. Eu os vi privados de ar para respirar, de água para matar a sede e das coisas indispensáveis à vida (ESQUIROL, 1996, p. 153).

Esquirol foi bem marcante em seu relato, não deixando dúvidas sobre a realidade do tratamento que ofereciam aos internos, bem diferente do que tentavam repassar para a sociedade. O processo de internação não tinha a intenção de cuidar nem tampouco curar, o que acontecia aproximava muito mais de torturas e maus tratos, prejudicando ainda mais aqueles que necessitavam de ajuda. Há um trecho no conto em que fala sobre “o terror” vivido, já que tudo era motivo para trancafiar os considerados loucos.

O terror acentuou-se. Não se sabia já quem estava são, nem quem estava doido. As mulheres, quando os maridos safam, mandavam acender uma lamparina a Nossa Senhora; e nem todos os maridos eram valorosos, alguns não andavam fora sem um ou dois capangas. Positivamente o terror. Quem podia emigrava (ASSIS, 2007, p. 28).

O Alienista foi também uma peça chave para entender o porquê da luta contra os manicômios. Machado de Assis foi o precursor das críticas aos estabelecimentos psiquiátricos no Brasil. Neste conto, Machado de Assis adiantou todas as críticas ao padrão psiquiátrico, o autor destacou discretamente em sua obra

o poder que um saber tão instável quanto a ciência estava possuindo a ponto de desestabilizar todos os outros.

Por meio de Simão Bacamarte, Machado de Assis questiona o motivo de a ciência ser a única geradora da verdade e a ambição em ser um saber neutro. O conto é uma forma de antipsiquiatria, tanto que até mesmo no nome dado ao médico dos loucos, Simão Bacamarte, carrega um teor irônico imenso, já que Simão era o mesmo nome dado a macacos e Bacamarte que significa fuzil ou uma arma antiga, além de também significar nariz chato “Simon” no grego. A antipatia pelos cientistas era algo visível no autor anti positivista.

Levando em consideração as afirmativas acima, em relação aos maus tratos em manicômios, é encontrado inúmeras imagens na internet que comprovam, principalmente a fala de Esquirol (1996), em que diz “os loucos eram isolados, sem vestes ou simplesmente coberto de trapos”, como pode ser observado na imagem I e II. A superlotação também era algo que impossibilitava um bem estar, como disse Pessoti (1996), “foi a época em que mais se teve internações por loucura” e isto pode ser comprovado na imagem III abaixo:

IMAGEM 01 – Loucos cobertos de trapos e estirados ao chão.



Fonte: Menezes Ciência, 2012

IMAGEM 02- Louco sem vestes em manicômio.



Fonte: Menezes Ciência, 2012

IMAGEM 03- Superlotação dos manicômios do século XIX.



Fonte: Projeto medicina, 2016

5 O ALIENISTA E O SÉCULO XXI

Conhecendo o conto *o alienista*, não será difícil encontrar traços da história narrada no século XIX nas manchetes dos jornais do dia a dia, principalmente ao tratar de corrupção, ou algo de cunho político, o escritor, em seu conto, não poupou críticas para esta categoria.

Ao longo do conto, pode-se observar que não faltavam apoiadores de Simão Bacamarte, sendo estes, na maioria políticos ou autoridades no geral. Nos dias atuais, é visto com frequência apoiadores dessa mesma classe em ideias absurdas simplesmente porque estas favorecem entre outras prioridades, financeiramente aqueles que acatam, aprovam. As críticas encontradas no conto *o alienista*, inicialmente parecem ser voltadas apenas para o cientificismo, já que era o assunto da época devido ao afloramento da ciência e magnitude que as descobertas por ela vinha tomando, é inegável que naquela época o cientificismo por ser inquestionável merecia mesmo de um choque de realidade, pelo fato de que não há uma certeza absoluta para tudo, mas ao aprofundar-se à leitura, é visto que a ironia em volta das mazelas políticas é tão forte quanto para a ciência.

O ato da corrupção não muda, apenas progride, se o conto tivesse sido escrito hoje, nada precisaria mudar na história, as atitudes horrendas de Bacamarte podem ser comparadas a inúmeros projetos criados, por exemplo, pela câmara de vereadores, ou até mesmo a de deputados, que atinge todo o país com projetos infundados, ou que até apresentam-se brilhantemente, mas que não sai do papel, nos discursos nos repassam uma preocupação inexistente pela sociedade, enquanto a realidade é outra, usam de seus poderes para benefício particular, alimentar sua ganância e praticar a desonestidade. Houve por isso, uma revolta por meio da sociedade:

A irritação dos agitadores foi enorme. O barbeiro declarou que iam dali levantar a bandeira da rebelião e destruir a Casa Verde; que Itaguaí não podia continuar a servir de cadáver aos estudos e experiências de um déspota; que muitas pessoas estimáveis e algumas distintas, outras humildes mas dignas de apreço, jaziam nos cubículos da Casa Verde; que o despotismo científico do alienista complicava-se do espírito de ganância, visto que os loucos ou supostos tais não eram tratados de graça: as famílias e em falta delas a Câmara pagavam ao alienista... (ASSIS, 2007, p. 30)

O médico Simão Bacamarte pode ser representado hoje por um político honesto em que busca desmascarar todos aqueles que agem contra a lei, com desvios e improbidades públicas, assim como a clínica no conto falhou, com certeza aqui também falharia, no conto, após as buscas, foi constatado que todos possuíam algum tipo de loucura, e no mundo dos políticos, todos possuem algum tipo de irregularidade. É comum vermos em tempos de campanha um candidato difamar e desdenhar seu adversário, prometendo fazer diferente, trabalhar pelo povo, ser o diferencial e o correto, porém, todos ao conquistar o poder nada fazem diferente dos demais, como já dizia Maquiavel: Dê o poder ao homem, e descobrirá quem ele realmente é. Machado de Assis ironizava a forma que os valores da sociedade eram e são sempre postos em xeque, desonestidade ultimamente parece mais ser uma regra, e não exceção.

Simão Bacamarte possui uma teoria em que diz que são loucos aqueles que apresentarem um comportamento anormal de acordo com o conhecimento da maioria, nesta teoria, levando em consideração a realidade da atualidade, pode ser assimilada com a falta de aceitação das características individuais de cada pessoa, o chamado preconceito, que exclui seja de um grupo social, de uma conversa, aquele que pensa, ou age diferente dos demais, como por exemplo, héteros excluem homossexuais, brancos excluem negros, ricos excluem pobres, simplesmente por haver uma diferença, de pensamento, religião, raça, cor ou outras razões.

Uma vez desonerado da administração, o alienista procedeu a uma vasta classificação dos seus enfermos. Dividiu-os primeiramente em duas classes principais: os furiosos e os mansos; daí passou às subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas. Isto feito, começou um estudo aturado e contínuo; analisava os hábitos de cada louco, as horas de acesso, as aversões, as simpatias, as palavras, os gestos, as tendências; inquiria da vida dos enfermos, profissão, costumes, circunstâncias da revelação mórbida, acidentes da infância e da mocidade, doenças de outra espécie, antecedentes na família, uma devassa, enfim, como a não faria o mais atilado corregedor. E cada dia notava uma observação nova, uma descoberta interessante, um fenômeno extraordinário. (ASSIS, 2007, p. 13)

O Alienista internava todos que continham alguma diversidade, seja de costume, mania, algo que por ele era visto como exótico, a busca pela perfeição afetou a si, se auto internando e se isolando de todo o mundo por ser na verdade o único anormal da história. A busca por igualdade é algo que pode ser analisado nos dias atuais, principalmente entre adolescentes que são influenciados pela mídia, isso nos torna verdadeiros alienados e consumistas, acompanhar a moda, os estilos no caso

dos dias atuais das blogueiras, artistas, nos colocam no lugar de alienados, enquanto a mídia, os meios de comunicação, ocupam o posto de alienistas, bem na realidade atual é percebido uma frequência de pessoas se intitulando digitais influencers, que como o nome sugere tem a única função de influenciar seus seguidores, nome dado à aqueles que os assistem, acompanham, a usar o que mostram, a irem a lugares que indicam, ou seja, a serem iguais a eles, e aqueles que se opõem, não seguem modas, estilos e padrões são vistos como diferentes, antiquados e sem estilo. No conto, aqueles que fugiam às regras eram internados:

A notícia desta aleivosia do ilustre Bacamarte lançou o terror à alma da população. Ninguém queria acabar de crer, que, sem motivo, sem inimizade, o alienista trancasse na Casa Verde uma senhora perfeitamente ajuizada, que não tinha outro crime senão o de interceder por um infeliz. Comentava-se o caso nas esquinas, nos barbeiros; edificou-se um romance, umas finezas namoradas que o alienista outrora dirigira à prima do Costa, a indignação do Costa e o desprezo da prima. E daí a vingança. (ASSIS, 2007, p.22)

Torna-se um alienista também aquele que não respeita a opinião alheia, discrimina tipos de trabalho, moradia, relacionamentos, quem se fecha para o novo e adere apenas ao tradicional está alienado ao passado, é necessário a aceitação de diversidades e entender que ser diferente é totalmente normal.

Machado de Assis com essa obra faz uma série de críticas à sociedade do Rio de Janeiro do final do século XIX, uma das marcas principais do conto é quando o próprio Dr. Simão Bacamarte prende sua esposa na Casa Verde por ela não ter dormido pensando em qual joia usaria na festa:

Tudo isto eram sintomas graves; esta noite, porém, declarou-se a total demência. Tinha escolhido, preparado, enfeitado o vestuário que levaria ao baile da Câmara Municipal; só hesitava entre um colar de granada e outro de safira. Anteontem perguntou-me qual deles levaria; respondi-lhe que um ou outro lhe ficava bem. Ontem repetiu a pergunta ao almoço; pouco depois de jantar fui achá-la calada e pensativa.—Que tem? perguntei-lhe.—Queria levar o colar de granada, mas acho o de safira tão bonito!—Pois leve o de safira.—Ah! mas onde fica o de granada?—Enfim, passou a tarde sem novidade. Ceamos, e deitamo-nos. Alta noite, seria hora e meia, acordo e não a vejo; levanto-me, vou ao quarto de vestir, acho-a diante dos dois colares, ensaiando-os ao espelho, ora um ora outro. Era evidente a demência: recolhi-a logo. (ASSIS, 2007, p.45)

Este fato se assemelha bastante com os costumes da sociedade atual, a vaidade, a futilidade, faz com que as pessoas tenham uma preocupação exagerada com a estética, sendo esta mais uma crítica do autor em relação à sociedade

consumista, egoísta e à individualidade tanto no século XIX, quanto no século XX. Machado de Assis sempre foi muito à frente do seu tempo em suas produções literárias.

CONCLUSÃO

Compreende-se que Machado de Assis é um escritor singular com um nível de conhecimento tão vasto que conseguiu tornar suas obras imortais mesmo após séculos de publicação. O uso da ironia enriquece os textos Machadianos, a subjetividade prende mais ainda a atenção do leitor e incentiva a busca pelo contexto histórico para que seja compreendida a leitura.

Tornou-se fundamental a busca pelo contexto histórico do conto estudado para poder destacar as críticas sociais e históricas contidas. Seria impossível entender o porquê Machado de Assis optou escrever sobre Alienista e Alienado, sem conhecer a história da construção de manicômios, da ascensão da ciência e do peso que o positivismo trazia para a sociedade sem buscar os fatos do século XIX.

A partir da análise feita, percebe-se que, por meio do conto O Alienista de Machado de Assis, que o autor utiliza da ironia como uma técnica de escrita para fazer críticas na maior parte, ao cientificismo, e, conseqüentemente ao positivismo do século XIX, torna-se fundamental estudá-lo não só pela necessidade, já que os contos, novelas e crônicas deste autor estão sempre presentes em exames vestibulares, mas por ser um autor que escrevia além do seu tempo, cujo espólio de suas obras ultrapassa a linha temporal, com temas atuais que se assemelham principalmente com as mazelas atuais.

REFERÊNCIAS

A história bizarra dos manicômios. Menezes ciência, 2012. Disponível em <<http://menezesciencia.blogspot.com/2012/11/a-historia-dos-manicomios.html/>> Acesso em: 10 de jul. de 2019.

As histórias macabras sobre os manicômios. Projeto medicina, 2016. Disponível em <<https://projeto medicina.com.br/artigos/as-historias-macabras-sobre-os-manicomios-de-antigamente/>> Acesso em: 10 de jul. de 2019.

ASSIS, M. **O Alienista**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2007.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

COMTE, A. **Curso de Filosofia positiva**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção: Os Pensadores.

CUNHA, P. L. F. **Machado de Assis: Um escritor na capital dos trópicos**. Porto Alegre: IEL: Editora Unisinos, 1998.

ESQUIROL (1996), IN. PESSOTI, I. **A loucura e as épocas**. São Paulo: Ed. 34, 1994.

HUTECHEON, L. **Teoria e política da ironia**. Tradução de Júlio Jeha. Belo Horizonte. UFMG, 2000.

JAPIASSU, H. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago editora, 1975.

KIERKEGAARD, S. **Ponto de vista Explicativo da Minha Obra Como Escritor**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1996.

LARROSA apud VINHAIS, I. **Literatura, leitura e produção textual no ensino médio**. Porto Alegre. Mediação, 2012. p. 24.

LIMA, L. C. **Dispersa demanda**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

MIGUEL-PEREIRA, L. **História da literatura brasileira volumes XXII: prosa de ficção (de 1870 a 1920)**. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1950.

MUECKE, D.C. **Ironia e o irônico**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

NOGUEIRA, É. **Machado é uma vitória do estilo**. Língua Portuguesa, São Paulo, nº 49, p. 40 – 45, novembro. 2009.

PERES apud SALOMON, G. T. **Moda e ironia em Dom Casmurro**. São Paulo. Alameda, 2010. p. 167.

PESSOTTI, I. **O século dos manicômios**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

SOARES, M. **Letramento – um tema em três gêneros**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

TEIXEIRA, I. **Apresentação de Machado de Assis**. São Paulo: Martins Fontes, 1987, p.68

VERÍSSIMO, J. **História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981.

ZILBERMAN, (2003), IN. MOREIRA, M. E. (org.). **Histórias da Literatura: teorias, temas e autores**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 2003.